

*Da identidade da
arquitetura portuguesa*

ÍNDICE

03 *Editorial*
ANA PAULA LABORINHO

05 *Uma nova etapa*
JOÃO BELO RODEIA

09 *Da identidade da arquitetura portuguesa*
HELENA BARRANHA, JORGE FIGUEIRA E
MANUEL GRAÇA DIAS

ENTREVISTAS

13 *Álvaro Siza: de “arquiteto da participação” a “arquiteto do branco”*
MANUEL GRAÇA DIAS E JORGE FIGUEIRA

17 *Eduardo Souto de Moura: das “aulas na Suíça” aos “mistérios do Oriente”*
MANUEL GRAÇA DIAS E JORGE FIGUEIRA

ENSAIOS

23 *A diáspora ou a arte de ser português*
ANA TOSTÕES

41 *Cidade e arquitetura em África: Obras Públicas no crepúsculo da colonização portuguesa*
ANA VAZ MILHEIRO

55 *Arquitetura portuguesa em fim-de-século: entre o pós-ideológico e o pós-moderno*
NUNO GRANDE

67 *Os impasses do dentro e do fora: a internacionalização da arquitetura portuguesa no novo milénio*
LUÍS SANTIAGO BAPTISTA

VOZES CRÍTICAS

85 *Internacionalizar*
JOSÉ MATEUS

86 *Muito com pouco com muito*
PEDRO MACHADO COSTA

88 *Arquitetura DOC*
PAULO MARTINS BARATA

89 *O que nos define não é o território (ou não fosse a nossa designação EMBAIXADA)*
EMBAIXADA ARQUITECTURA

91 *Por que flutuam os icebergues?*
ARQUITECTOS ANÓNIMOS

TESTEMUNHOS

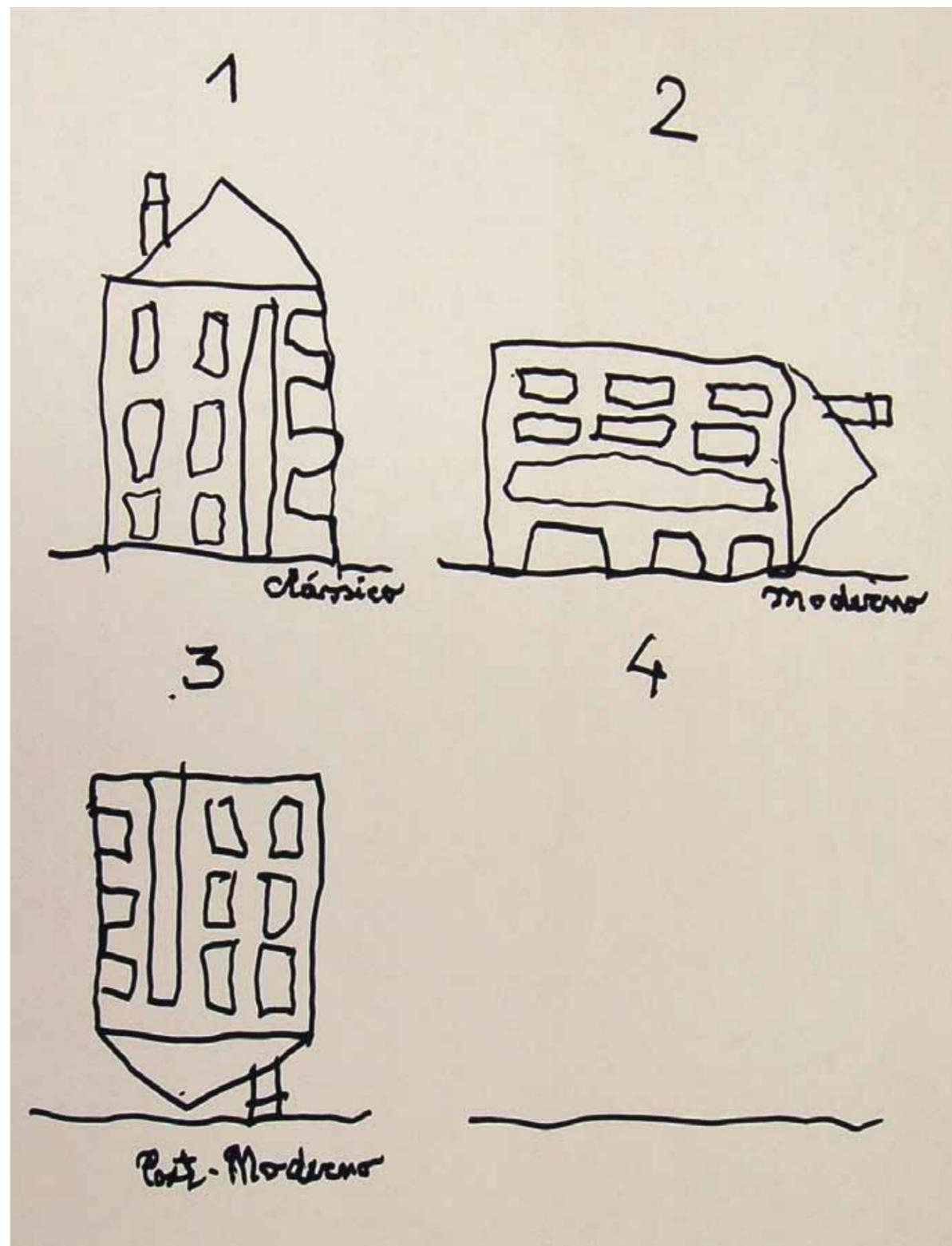
95 *O novo Museu dos Coches em Lisboa*
PAULO MENDES DA ROCHA

96 *Um olhar sobre a arquitetura portuguesa contemporânea*
JEAN-MICHEL WILMOTTE

97 *A revolução dos cravos: 1974*
VITTORIO GREGOTTI

99 RESUMOS/ABSTRACTS

101 NOTAS BIOGRÁFICAS



"Clássico, Moderno, Post-Moderno", serigrafia de Eduardo Souto de Moura

Eduardo Souto de Moura: das "aulas na Suíça" aos "mistérios do Oriente"

MANUEL GRAÇA DIAS E
JORGE FIGUEIRA

ESM – Diria que houve duas etapas na minha relação com o "estrangeiro". Uma das primeiras coisas que fiz, lá fora, foi dar aulas, o que permitiu que me comesse a relacionar com outros arquitetos, não só portugueses. Salzburgo¹ apareceu-me quando estava em Lausanne a dar aulas [1994]. Convivi muito com o [Luigi] Snozzi, que era uma espécie de diretor, e, por coincidência (estas coisas nunca são assim tão "por coincidência"), fui convidado para este concurso em Salzburgo. O Snozzi, por ser professor em Lausanne, pertencia ao júri e, além disso, era uma espécie de "consultor para a cidade" (quando havia problemas, como há em todas as cidades, organizava concursos e debates públicos, quer entre os concorrentes, quer com os júris). O presidente da Câmara era um tipo dos Verdes, muito empenhado. Ganhei o concurso, mas depois tive problemas de ordem jurídica. Foi esta a minha primeira experiência de trabalho no estrangeiro.

E porque é que o hotel nunca se chegou a construir?

Nunca se construiu porque – mais tarde entrei noutra concurso para o mesmo terreno, para uns promotores imobiliários – o concurso foi feito para saber o que é que lá podia ser construído; no fundo, para aprovar um projeto (aquele sítio era um um bocado estranho; o Thomas Bernhard, por exemplo, descreve que os miúdos da escola, no pós-Guerra, quando "chumbavam", se suicidavam do cimo daquelas pedras; mas isso não é arquitetura). As várias etapas

eram acompanhadas – fui muitas vezes a Salzburgo –, passou-se a fase do projeto para a Câmara, mas, depois, houve um incidente de alteração de projeto, sem eu saber, uma falsificação da minha assinatura, que acabou em tribunal. Diz-se que Portugal é um país corrupto, fala-se muito em corrupção, mas cá são uns *amadores*. Lá fora, como eu vi em Salzburgo e na Expo de Hannover, não se "brinca em serviço". "Lá fora", a questão é mesmo essa, quando fazem, é a sério. Falsificaram a minha assinatura e tentaram fazer aprovar um aumento de volumetria, sem eu saber. Em seguida, o processo da Olivetti também foi importante. Convidaram três arquitetos: eu, o [Jacques] Herzog e o [David] Chipperfield, talvez até por questões de amizade (eu tinha estado em Harvard com o Herzog e já nem sei quem é que nos escolheu aos três). Seria para fazer três bancos, um no Norte da Europa, outro no Centro e outro no Mediterrâneo.

A Olivetti é que lançou os multibancos, sendo uma empresa muito criativa; o primeiro computador era Olivetti, convidaram sempre arquitetos muito bons para lhes fazerem os edifícios, o próprio *campus* da Olivetti. As máquinas de escrever eram desenhadas por grandes *designers*; foi sempre uma empresa muito ligada à arquitetura. Não digo que fossem *mecenas*, mas eram muito empenhados. Pensaram fazer uma espécie de "multibanco habitado" e queriam um protótipo, para ver se podiam, depois, desenvolver esse módulo. Tem graça porque o edifício do "Banco" era sempre o mesmo e, depois, seria forrado com umas "peles"; isto era na época das *peles*, já se começava a discutir a influência dos sistemas passivos sobre a linguagem. Entretanto, a Olivetti entrou em decadência, com a concorrência das Coreias e da China, e fechou. Mas também foi importante essa conversa, na altura, para mim. Era o tipo de coisas que não se passava cá, discussões sobre "peles": a estrutura-base do edifício manter-se e vir, depois, uma espécie de roupa, de "revestimento", não no sentido pejorativo, mas como resposta a uma fase já adiada dos sistemas construtivos. Andávamos nós ainda a usar o tijolo, a fazer (como ainda fazemos) *roços* no tijolo, e eles a pensar em

painéis com régua de alumínio, que só gastavam meio centímetro de reboco. Fui sempre sendo professor: Zurique [1990-1991], Lausanne [1994], Mendrisio (para além de Harvard [1989] onde, na altura da Olivetti, tinha conhecido o Herzog). A Suíça, para mim, foi muito importante; eles convidam muitos professores de fora, há sempre um grande convívio. No princípio, muitos espanhóis. Começou com o Siza e com o [Rafael] Moneo, em Lausanne; depois dessa *leva* de espanhóis e portugueses, nos últimos tempos, são os suíços-alemães que constituem o grande *boom*. Vou fazendo concursos, é uma atividade que nunca abandonei (tenho uma exposição montada que ilustra 50 concursos²), o que me tem permitido compensar as quebras de trabalho cá em Portugal (para dizer a verdade, tive a sorte de trabalhar no Metro [do Porto], o que me ocupou durante uns anos, e a sorte de ser bem pago, o que me tem dado para todas estas crises: ir às poupanças do que ganhei com o Metro e poder subsistir; praticamente, não despedi ninguém!). O investimento nos concursos justifica-se porque ganho sempre dois ou três, numa média de nove ou dez que faço por ano.

Já perto do fim do trabalho do Metro, numa conversa com o Siza, a propósito de eu não querer fazer um concurso ou um trabalho qualquer, ele replicou: "Você está enganado, porque isto não está nada bem; não há trabalho. Anda para aí entretido com o Metro e ainda não se apercebeu, isto começa a ficar complicado." Tinha razão, mas eu só percebi quando acabei o Metro. Resumindo, a minha atividade no estrangeiro começou comigo como professor e com concursos. Projetos, "reais", nunca tive, foi sempre através de concursos. Nos últimos tempos, alguns concursos deram resultado – como é o caso da Bélgica, um crematório³ que foi construído. Já em Espanha, em Barcelona, as torres⁴ e uma casa não resultaram de concurso, mas foram amigos, também professores de uma escola, que me disseram "temos este trabalho, não queres trabalhar connosco?", aceitei e fez-se... e aí comeci a perceber que a construção, na Europa, não é propriamente o *El Dorado* das revistas. Já terá sido, mas a Europa, quando

eu comecei a construir, aqui há meia dúzia de anos, também começou a ter problemas. Esta crise que se adivinhava, não só uma crise financeira, mas também uma crise de valores, veio demonstrar que os promotores imobiliários e as suas “estratégias”, em Portugal, são uma *brincadeira* em relação ao estrangeiro. Neste momento, estou a construir para a Bouygues, a maior companhia francesa: as paredes interiores são de *cartão*, com cinco centímetros. Não é gesso cartonado, isso seria muito bom, ter uma estrutura de alumínio pelo meio... cartão canelado; um tipo está a dormir, liga-se um interruptor e acorda-se com o *click*. E isto, tanto para a classe média como para a habitação social. Fui descobrindo que o “estrangeiro” não é propriamente um *El Dorado*, mas tinha interesse em perceber isto, porque lá, provavelmente, as coisas estão a evoluir no sentido de o arquiteto cada vez desenhar menos, de terem de ser deixadas muitas coisas em aberto para virem a ser alteradas, conforme os preços... A “tendência” é a arquitetura passar a ser uma atividade quase 100% comercial, tendo como única regra o comércio, o lucro. E isto não tem nada a ver com discursos marxistas, é uma constatação que pode ser feita por qualquer um. A arquitetura deixou de ser o resultado de uma iniciativa pessoal, em que alguém, com uma formação cultural, pudesse dizer “sim, senhor” – como no caso do Burgos –, “faça lá a escultura com o seu amigo Ângelo de Sousa”. Ainda havia, aqui há uns anos, esta coisa, “sim, senhor, vamos construir, vamos ganhar dinheiro”, mas tinham estas pequenas “fraquezas”. Agora, é tudo “rapado”... Passemos para a situação atual. Pensei que ia construir em Itália, cheguei quase ao projeto de licenciamento para uma torre, em Milão⁵, uma cidade onde, até aqui há uns anos, não havia grande iniciativa imobiliária (não sei porquê, porque não há casas para alugar e há uma grande procura), mas que, de repente, se transformou numa espécie de centro nevrálgico da Europa Central. Começaram a construir uma “cidade” (não sei se suíço-alemães, talvez por motivos de impostos), tipo Manhattan, com torres do [Arata] Isosaki, da Zaha Hadid, do [Daniel] Libeskind. Fizeram

A “tendência” é a arquitetura passar a ser uma atividade quase 100% comercial, tendo como única regra o comércio, o lucro

mais outro concurso para outra fase e eu “ganhei” uma torre. Comecei, tudo muito bem, até que o promotor, uma companhia forte, não tanto por falência ou falta de dinheiro, mas mais por uma questão de estratégia, entendeu suspender o projeto. Eram dois sócios, um dizia “fazemos agora, durante a crise, porque se deve apostar nestes períodos, para que, quando acabar a crise, as coisas já estejam construídas”; o outro dizia “não se constrói nada, porque é muito arriscado aguentar a construção durante a crise e é preciso ter um fundo de maneiço muito grande”. Ganhou esta versão, e o projeto foi suspenso (tudo muito correto, vão-me pagar uma indemnização; mas a Itália *acabou*).

Em que sítio de Milão seria?

Era à entrada. No espaço da antiga feira, fizeram um palácio para uma nova feira de exposições, e os terrenos da antiga feira foram reconvertidos nesse novo quarteirão...

... de torres de habitação.

Sim, mas uma espécie de *zoo*: um relvado com torres em cima. Eu desenhei uma rua e uma praça e, ao princípio, foi muito mal visto: “Uma rua e uma praça?”

Só havia lugar para esculturas, as torres teriam de ser objetos escultóricos...

Foi uma experiência muito diferente, porque a minha torre não tinha aquela ideia do objeto fechado, isolado, para escritórios;

era uma torre para habitação, mas, na prática, uma espécie de somatório de casas: os apartamentos tinham de ter terraços e jardins, e tudo com regras muito próprias – esse tipo de clientela em que ninguém se poderia *encontrar*...

Nem nos elevadores?

Há vários elevadores, mas “não se podiam encontrar”... (outra coisa que eu não sabia é que há uma legislação italiana, em relação às torres, que tem graça: exige uma central vertical só para bombeiros, completamente bloqueada. Tem lógica, em caso de incêndio, mexem-se dentro do prédio, no meio do fogo, sem problemas).

Uma *courette*?

Uma *courette* só para bombeiros: uma entrada e depois saídas, com uma câmara em cada piso. Havia, ainda, também, questões com as garagens – achei esquisito – fechadas: *boxes*, mesmo *fechadas*.

Para guardar *batatas*!

Não sei; talvez mais para *Maseratis*... E, depois, a colocação das portas ao longo do *hall* de entrada: deveriam ser desfasadas, tudo bastante isolado. Não há comércio. Perguntei: “Então e aqui não se fazia uma piscina ou um supermercado?” “Não, ninguém quer!” Foi uma coisa muito estranha, mas trabalhei neste tema: como fazer uma torre de vidro (tentei que não fosse *toda* de vidro, mas exigiram que fosse toda de vidro porque querem ter muitas *vistas* e querem ver os Alpes), sem ser uma réplica das torres de vidro americanas, que já tiveram o seu tempo. Gosto muito do Mies, mas houve muitas coisas que mudaram, nestes tempos, e que eu tentaria alterar. Estava numa experiência de fazer uma espécie de uma “pele grossa”, não só de vidro, uma espécie de jardim de inverno, com duplo vidro, duplo caixilho, porque havia dinheiro, e, nesse espaço, aconteceriam algumas coisas: jardins de inverno para pôr plantas ou para guardar bicicletas, por exemplo (quem faz isso muito bem, em França, é aquele casal de que gosto muito, os Lacaton & Vassal), mas não era aquela coisa de ser só vidro. Isto foi Itália. Em Espanha, parou tudo. Foi tudo preso por corrupção...

Mas as torres, em Barcelona, fizeram-se. Fizeram-se, mas não fui eu que as acabei. Fomos expulsos ou suspensos, quase no fim da obra, estamos em tribunal. Aquilo parou porque os arquitetos e o presidente da Câmara foram presos. O Siza chegou um dia a minha casa, com a capa do *El País* a dizer: “Você conseguiu sair na primeira página do *El País*!” Vinha uma fotografia da torre e, por baixo, a notícia da prisão e, na legenda, “A torre do arquiteto português”. A notícia não era nada agradável, explicava o sistema de corrupção, a faturação falsa com os dinheiros de Bruxelas e da Comunidade Europeia, dinheiro destinado a escolas e centros para a terceira idade – penso eu – e, depois, que nada disso se passava e que vinha dinheiro para Portugal para ser branqueado em obras de arte. O que dava muito *mau aspecto* era a história do “branqueado em Portugal” com a foto da torre do arquiteto português, Souto de Moura...

Há nesses relatos, apesar da distância temporal, um padrão: tanto no princípio como agora, encontrou sempre, nessas perspetivas de trabalho, reuniões e envoltivos, qualquer coisa que iria à frente (ou, pelo menos, que seria diferente) da construção em Portugal, qualquer coisa com a qual aprendeu ou da qual se foi apercebendo...

Na altura não percebia, só percebi depois que cá também estava a acontecer o mesmo; portanto é mais, talvez, um problema de *tempo*. É como o novo *Golf*: sai, em Hannover em Junho e chega cá em Setembro; é um bocado isso...

Só que “em agosto” já se teria apercebido!

Não é que sirva de muito, mas dá-nos uma certa distância, mas também a *distância* do arquiteto, em relação ao projeto e à obra, que lá fora é tão grande, mesmo “avisado”. Eu gosto muito mais de construir em Portugal porque há sempre uma *proximidade*... Consegui isso, tem que se dizer a verdade, no Crematório; senti-me quase a trabalhar em Portugal. Primeiro, porque a obra não era muito grande e, depois, porque a Bélgica também é um país pequeno e fui criando laços com os

arquitetos, com a Câmara. Como a obra se destinava a uma terra muito pequena, fui muito *envolvido*. Na vila havia um grupo de pessoas que contestavam o Crematório naquele sítio. Há a ideia de que um Crematório é uma espécie de “Auschwitz a deitar fumo”; portanto, houve discussões. Estavam previstas novas urbanizações junto ao Crematório, e os promotores e os empreiteiros diziam que iam ficar prejudicados; aquelas coisas que se fazem lá fora – “discutir os projetos” (cá só se fez nos tempos do SAAL). Na Holanda, em Maastricht, todas as semanas o projeto era discutido. Havia vários arquitetos e uma figura que há na Holanda, um arquiteto que é uma espécie de procurador do Estado, dos

uma coisa meio medieval, de madeira, muito bonita; precisava de falar com o tipo dos “Monumentos” para saber o que é que se podia fazer, o que é que seria para alterar, o que é que seria preciso manter. Disseram-me: “Já falaste. Ele é o teu sócio; o arquiteto local é o homem dos ‘Monumentos’!” Mas abandonei esse projeto porque não consegui. Pedi mesmo a demissão. Não consegui, pela distância e pelo *massacre* que aquilo era. Os Holandeses são muito brutos, muito diretos, muito pragmáticos e muito “democratas”, é uma espécie de *overdose* de democracia... e eu percebi que aquilo não ia a lado nenhum – e não foi. Saí e os outros também não fizeram nada. Há um mito quando se pensa o “estrangeiro” como um grande *El Dorado*,



Eduardo Souto de Moura (Foto: © Manuel Graça Dias)

Tribunais, em relação à sociedade. Defende a sociedade face aos privados: um procurador da Arquitetura nomeado todos os anos. Só que, naquele caso, ele também tinha um projeto. O Procurador mudava os projetos dos outros arquitetos todas as semanas e, em relação ao seu, “ai, eu acho que fica melhor assim, fiz sete pisos e vocês agora...”, e isto às *abertas*. Era impressionante! Outro projeto que tive na Holanda, uma fábrica antiga,

quando se pensa que *lá fora é que é bom*; muitas vezes, cá é muito melhor.

Talvez fosse bom que cá houvesse trabalho...

Se houvesse trabalho, não haveria comparação. Trabalhar lá fora é uma *maçada*. Portugal é um país marginal, e o Porto também é uma cidade marginal; não há aviões, tem que se ir lá para vir para cá;

se tivermos uma reunião em França ou na Alemanha... Bem, agora, com os voos *low-cost*, a coisa melhorou.

E, então, o Oriente?

O Oriente é um *mistério*. A arquitetura é como as pessoas; os chineses, a trabalhar, riem-se, mas nunca sabemos se estão bem-dispostos ou maldispostos; quando abanam a cabeça, parece – ainda não percebi – que o *não* é *sim* e que o *sim* é *não*. E há uma espécie de filosofia chinesa em que nada se define, como o que é *verdadeiramente*; “quarta-feira” pode escrever-se “ontem-foi-terça”... *Crise*, em chinês, escreve-se “mudança”, mas “projeto” escreve-se com dois símbolos. É uma coisa bonita (eu usei isto no meu discurso do Prémio Pritzker), mas imaginem a abrangência de cada conceito e de cada palavra. Vai-se fazendo o projeto, com reuniões, e a única indicação de que qualquer coisa se vai passar é quando pagam alguma coisa; se pagam a última fatura que se mandou, é porque precisam de alguma coisa...

Estamos a falar daquelas torres para Xangai?

Este projeto não é em Xangai, é para uma cidade nova, perto de Pequim; no outro dia, passou um documentário, penso que dinamarquês, em que se vê essa cidade deserta; as escadas rolantes dos centros comerciais a subir e a descer sem ninguém. Não há ninguém na cidade, não há ninguém nos autocarros, nos prédios, nos centros comerciais, foi uma cidade “chave na mão”, ainda falta fazer uma parte... mas apareceu a crise!

É como o Dubai, o Dubai à noite é uma imagem que ninguém imagina, é uma mancha negra, não há *uma* lâmpada acesa, não há lá ninguém. E o Panamá também, o Panamá é uma espécie de “Manhattan”, mais compacta, ainda, porque não tem aquela quadrícula toda. São investimentos que se fazem com o dinheiro dos fundos das pensões, de corrupções, de branqueamentos. Não há gente: ou vendem ou não vendem e estão à espera... e, à noite, é tudo *preto*. O Dubai foi o que me fez mais impressão. Há aquela imagem festiva do Dubai... Há lá um centro, mas não corresponde à realidade. Eu trabalhei no

MANUEL GRAÇA DIAS E JORGE FIGUEIRA

Abu Dhabi (estive lá uma semana em vez de estar um dia, porque o xeique de Abu Dhabi estava em negociações com o primo, era preciso salvar o Dubai, e o Abu Dhabi, um país modesto – muito rico, dos mais ricos de todos e talvez o mais modesto de todos, do ponto de vista de imagem, mas com fundos infinitos –, estava a ajudar o primo, e eu acabei por ir ficando). Mas aí não foi a crise internacional, aí terá sido a Al-Qaeda (penso eu, ninguém mo disse), a suspensão do projeto terá sido por motivos de segurança, porque era uma cidade no deserto e muito aberta. Foi um projeto suspenso por não ser oportuno. Não é todos os dias que se faz uma cidade. Todo o processo era fascinante, fazer uma cidade de fundação. A que poder estaria ligada? Qual o sentido de fazer uma *cidade de fundação* no século XXI? Para nós, a construção está ligada ao poder central ou a um autarca que muda de quatro em quatro anos, e é tudo efémero. Ali não, como é familiar, há um *gesto*, tipo Luís XIV, que se pode prolongar durante anos e anos.

Nesse sentido e de acordo com essas experiências, os arquitetos portugueses estão preparados para trabalhar na Europa, no Oriente? Quais são os nossos limites e as nossas qualidades?

O Siza passou o Bojador. Abriu as portas e tornou-se numa figura internacional ao nível do ensino – quando fui para Lausanne, foi porque o Siza já lá tinha estado; ele e o Moneo foram lá professores; o Moneo saiu e foram buscar os espanhóis –, e acho que continua a haver muitos professores portugueses e são bem-vindos. E, a nível de concursos, houve esta quantidade de convites que referi, a maior parte deles antes do Pritzker. O Pritzker ajudou porque neste momento convidam-me para concursos, muitas vezes dizem-me que afinal não fiquei, mas não tem mal nenhum, é normal. Há uma coisa que falta, apesar de tudo. Acho que nós temos capacidade para ser bons professores nas escolas, capacidade para fazer projetos tão bons ou melhores que outros. Eu não vejo, e fui professor em vários sítios e não tem nada a ver com cooperativismo, nem patriotismo, nenhuma *inferioridade* ou pior formação das universidades portuguesas,

Não vejo nenhuma inferioridade ou pior formação das universidades portuguesas, das que eu conheço, Guimarães, Porto, Coimbra, em relação à formação dos outros alunos

das que eu conheço, Guimarães, Porto, Coimbra, em relação à formação dos outros alunos. Fui professor na Suíça, convidam italianos para dar História e Teoria, e o resultado final pode ser igual, mas nunca vi uma melhoria em relação a Portugal. Uma coisa que talvez se devesse tentar no Porto, na FAUP, era não pôr os alunos à volta de um só projeto durante o ano inteiro. Não há nenhum arquiteto que faça isso e, depois, acho que há um sentido de oportunidade que se deve ter, porque os projetos, uns correm bem e outros correm mal, mesmo que se seja muito bom aluno. O aluno pode embirrar com o professor, e o professor embirrar com o aluno, e aquilo não correr bem; essa questão do projeto seria a única coisa que talvez eu mudasse. Em relação à arquitetura, há esses concursos – eu acho que tem havido, é pouco divulgado –, o João Luís [Carrilho da Graça] tem sido muito convidado, o Manuel Mateus também, o [Gonçalo] Byrne também e, se convidam estes arquitetos, é porque gostam. O que eu acho é que a nível de realização de obra, depois do concurso – e em relação à gente nova que não tem antecedentes –, é que não há a mínima ajuda de ninguém. Eu próprio sou um *tolinho* no meio disto

tudo. Quero dizer, quando me mudam o projeto, quando me despedem – no caso, por exemplo, das torres de Barcelona –, não há nenhum organismo. Os Consulados não existem, não há o mínimo apoio. Agora já começo a ir jantar aos Consulados ou às Embaixadas. Há uma coisa simpática, os embaixadores convidam os arquitetos da terra. É simpático, no outro dia fui a Praga, a uma exposição e a uma conferência, e o embaixador português convidou cinco ou seis arquitetos checos. Os Consulados e as Embaixadas têm medo porque pensam sempre que vamos pedir dinheiro... Por exemplo, o prémio Mies van der Rohe, que é um prémio europeu..., quem ganha é muito bom. Mas há muito bons em muitos sítios, e toda a gente sabe que muito em causa nestes prémios está o país. Chega-se a uma altura em que se diz: “A França ainda não ganhou?” Depois, aquilo é a matar! Inclusive, quando ganhou o [Christian de] Portzamparc, ninguém contava. Porque ganhou o Portzamparc sem ainda ter ganho o [Jean] Nouvel? Foi uma coisa estranha. A arquitetura tem um lado político, a nível desses prémios internacionais. Quanto a um apoio à própria obra, não há a mínima organização; poderia haver um fundo para a gente nova, como há em França. Em França, há concursos só para gente nova, recém-formada, e noutros concursos há uma parte em que só podem concorrer tipos com menos de 40 anos. E cá não há nada disso, nem apoio lá para fora. Mas em muitos lugares está tudo suspenso. A Suíça disse que já tinha arquitetos estrangeiros a mais, a Itália suspendeu, em Espanha fecharam 70% a 75% dos ateliês. Eu acho que há aí gente que tem todas as condições, arquitetos e alunos estão muitíssimo bem. O que não há é esse apoio. Acho que o Instituto Camões não pode fazer tudo. Não sei se é preciso arranjar um departamento na Ordem [dos Arquitetos]. Um tipo precisa de apoio do ponto de vista de legislação. Esta coisa de andar no Tribunal, em Salzburgo... estava aflito, arranjaram-me uma tradutora que era leitora de Português numa Universidade, o marido dela era o secretário do Thomas Bernhard, e daí é que eu conheci o escritor...

EDUARDO SOUTO DE MOURA

Não é pedir dinheiro, não é preciso muito dinheiro; é as pessoas saberem, quando chegam, que podem falar com alguém. Há muita gente que está lá fora aflita.

A língua e a nossa cultura embaraçam as nossas defesas? É capaz de dar um murro na mesa, lá “fora”, tão explicitamente como faria cá?

Não, isso não dou.

Não sente um bloqueio, por não o perceberem?

Na China, sinto. Não sei qual é a reação, ainda posso ir parar a Tiananmen... Depois, há a experiência de Luanda, também estou a fazer um prédio em Luanda e não tem corrido mal. Pergunto: “O que é que se pode fazer?” “É a Lei Portuguesa.” A Lei Portuguesa serve para tudo. Mas a Lei Portuguesa diz que não se podem abrir janelas para o vizinho... “Aqui, pode!” Mas, com reuniões, vai-se resolvendo tudo.

Na China trabalha com arquitetos locais? Não. Quer dizer, tenho trabalhado, mas eu nunca os vi, por acaso.

Mas tem lá arquitetos portugueses? Não...

Então, quem faz a tradução?

Aquilo é bem organizado. O Isozaki foi o coordenador de projeto, escolheu os nomes dos arquitetos que queria, fizeram-se as mesmas regras para toda a gente, tanto de área, volumetria, altura, cérceas, e toda a gente tem de responder àqueles números.

Isso é para a tal cidade deserta?

Sim, e, depois, vai-se lá e faz-se uma apresentação. Cada especialidade tem um técnico, dois ou três arquitetos. Temos de levar os engenheiros todos. No meu caso, levo o Rui Furtado, que responde por tudo e também pela arquitetura. Às vezes, eu não vou porque não posso ir. Estive doente e foi o Rui explicar e apresentar os projetos: restauro, habitação individual, habitação coletiva. O Rui fez aquilo muito bem. É evidente que os outros dez arquitetos que me conhecem sabiam que *ele* não era eu. E, depois, há a questão dos funcionários

partidários: são sempre dois, nunca há um só. Mas as coisas vão andando. Das pessoas que lá têm trabalhado, há uns entusiastas. Por exemplo, o Steven Holl praticamente só trabalha na China, tem o maior escritório ocidental na China e gosta, diz que está bem. O Herzog também não se queixa. Eu não estou a trabalhar em Luanda, estou a trabalhar para um *gabinete de Luanda*. Prefiro trabalhar com alguém que resolve tudo e, como não tenho intenção de ficar rico... Por exemplo, na Novartis, na Suíça, eu só cobrei 30% porque não domino os pormenores da legislação. Mas é tanto o dinheiro que eles pagam que os 30% chegaram. Ainda por cima, no caso da Novartis, se saísse um vidro pela janela, eu ia para a cadeia 100 anos. Em Angola, prefiro trabalhar para um escritório de lá, sou uma espécie de consultor, e eles assinam e tratam das legislações.

É precisa, no entanto, a garantia de que o projeto seja bem feito, de acordo com o projetado...

Não era mau fazer uma reunião, com uma espécie de inventário de questões e problemas. Há sempre aquela coisa do “não temos dinheiro”. Mas não é uma questão de dinheiro, é uma questão de organização. Há três coisas importantes: inicialmente, a própria Europa estava forte e, quando vão à procura de arquitetos portugueses, é porque os querem mesmo; quando vão buscar o Siza, é porque o desejam, portanto existiam as oportunidades. Depois, a crise, que não é só cá. Cá é de *agonia*, é pneumonia, lá é gripe. Mas as coisas já não são o que eram. E, finalmente, o Oriente, que é sempre um mistério, pela sua própria filosofia.

Notas

- Concurso para convites para um hotel na zona histórica de Salzburgo (1987).
- Eduardo Souto de Moura: Concursos* [50 trabalhos realizados no âmbito de concursos, entre 1979 e 2010], mostra itinerante comissariada por Francisco Barata e André Campos, exibida pela primeira vez entre junho e setembro de 2011 na Galeria de Exposições da FAUP.
- Crematorium Uitzicht*, Hoog-Kortrijk, Bélgica. ESM + SumProject, 2005.
- Complexo *La Pallaresa*, Santa Coloma de Gramanet, Barcelona. ESM + Terradas Arquitectos, 2011.
- Lote RD, *Citylife Fiera Milano*, Milão, ESM + Ensemble Studio, 2012.



Cada Casa é um Caso (Arquivo Geral), 2012. Caixas de fósforos, tintas acrílicas, estrutura de madeira e esticador (Foto: © Raquel Melgue RO Studio)

A DIÁSPORA OU A ARTE DE SER POTUGUÊS

Ana Tostões

A afirmação da arquitetura moderna portuguesa foi acompanhada de uma crescente internacionalização que conduziu, hoje, ao reconhecimento pleno e unânime de uma produção arquitetónica de referência mundial. Neste processo, as viagens de estudo, os contactos entre arquitetos e organizações, a integração em fóruns internacionais associados à difusão internacional através das revistas da especialidade desempenharam um papel fundamental, tendo conduzido à consagração de obras e autores. A análise deste processo é realizada desde os anos 30 até aos anos 80, a partir da avaliação de obras de referência e da ação dos seus criadores, promovendo o debate de ideias, a definição de correntes, a publicação e tomadas de posição, transportando os valores da arquitetura para um quadro internacional.

A partir da obra e da ação de Pardal Monteiro, participando no corpo editorial da prestigiada *L'Architecture d'Aujourd'hui* (1932) e integrando a RIA (Réunion Internationale d'Architectes), tornada depois UIA (União Internacional dos Arquitetos), constrói-se um percurso onde surgem associadas figuras como Keil do Amaral ou Faria da Costa.

Com o pós-guerra, a internacionalização adquire contornos plenos com a participação dos portugueses nos CIAM, designadamente o grupo da Escola do Porto com Viana de Lima e Fernando Távora, acertando o passo com a contestação da linha mais dogmática do Movimento Moderno. Ao mesmo tempo, o ateliê de Le Corbusier começa a ser frequentado por portugueses: a Nadir Afonso e Vieira da Costa, segue-se Fernão Simões de Carvalho, que trabalha na *Unité d'habitation* de Berlim. Este período é coroado com a distinção na Bienal de São Paulo do trabalho de Ruy Athouguia e Formosinho Sanchez. Seguem-se os contactos com o Reino Unido e, no quadro da produção arquitetónica nas então colónias de África, a frequência do curso de Arquitetura Tropical da

AA (Architectural Association) e a divulgação da obra de Pancho Guedes publicada na *Architectural Review* e na *L'Architecture d'Aujourd'hui*. Os anos 60 são o tempo da descoberta dos EUA, com a viagem de Távora que assinala o apoio da recém-criada FCG (Fundação Calouste Gulbenkian). A construção da sua sede em Lisboa constituirá um momento alto de relações com o exterior através do intercâmbio entre os autores e os consultores estrangeiros. A influência dos EUA é assinalada, sucessivamente, pelo magistério de Louis Kahn em Yale a partir de Raul Hestnes Ferreira, a que se seguem Manuel Vicente, Alberto Oliveira e, mais tarde, Duarte Cabral de Melo, que terá um papel fundamental na criação do grupo de reflexão *Oppositions*, integrado na vanguarda mundial a partir do início dos anos 70.

Nesses anos, as relações com a Catalunha e a Itália, com destaque para as figuras de Coderch e Bohigas, Gregotti e Rossi, abrirão o caminho à internacionalização plena, inicialmente europeia e, depois, atingindo um quadro global, com acento na figura de Álvaro Siza. A publicação, em 1976, de um número da *L'Architecture d'Aujourd'hui* dedicado a Portugal constituirá um facto da maior importância e consequências, assinalando o processo de democratização da sociedade portuguesa que se segue à revolução do 25 de Abril.

THE DIASPORA OR THE ART OF BEING PORTUGUESE

Ana Tostões

The assertion of modern Portuguese architecture has been accompanied by a growing internationalisation that has led to full and unanimous recognition of what the country's professionals have produced. Study trips, contacts between architects and organisations, involvement in international forums that leads to dissemination via specialist magazines have all played a key role in raising the profile of architects and their work. This process is analysed from the 1930s to the 1980s, with a particular focus on assessing important works and the intervention of those who created them,

encouraging the discussion of ideas, the definition of trends, publication of articles and the positions that transmitted the architecture's values within an international context.

Starting from the work of the architect Pardal Monteiro – part of the editorial staff at the prestigious *L'Architecture d'Aujourd'hui* (1932) and member of the RIA (Réunion Internationale d'architectes), later to become the IUA (International Union of Architects) – a path is constructed featuring such figures as Keil do Amaral and Faria da Costa.

In the post-war period, internationalisation becomes more evident with Portuguese architects taking part in the CIAM (International Congresses of Modern Architecture), in particular the Porto school with Viana de Lima and Fernando Távora keeping pace with the challenge of the most dogmatic aspect of the Modern Movement. At the same time, the Portuguese began frequenting Le Corbusier's studio: after Nadir Afonso and Vieira da Costa, came Fernão Simões de Carvalho, who worked on Berlin's *Unité d'habitation*. This period was also crowned with the distinction that Ruy Athouguia and Formosinho Sanchez received at the São Paulo Biennial.

Later there would be contacts with the United Kingdom, with the architecture of the then African colonies influencing the Architectural Association's "tropical architecture" course and the publication of Pancho Guedes work in the *Architectural Review* and *L'Architecture d'Aujourd'hui*. The 1960s were a time of the discovery in relation to the USA, with Távora's trip marking the support of the recently-created FCG (Calouste Gulbenkian Foundation), as well as the building of its head office in Lisbon signalling a high point in foreign relations via exchanges between foreign professionals and consultants. The American influence of Louis Kahn's teaching at Yale could be seen successively through Raul Hestnes Ferreira, Manuel Vicente, Alberto Oliveira, and later, Duarte Cabral de Melo, who would have a key role in creating the *Oppositions* group that was part of the global vanguard from the early 1970s.

During these years, relations with Catalonia and Italy, particularly with Coderch and Bohigas, Gregotti and Rossi, would pave the way for full internationalisation, initially in Europe and then globally, with particular emphasis on Álvaro Siza. The publication of an edition of *L'Architecture d'Aujourd'hui* dedicated to Portugal in 1976 would constitute something of great importance and consequence, indicating the democratisation of Portuguese society following the revolution of 25th April.

CIDADE E ARQUITETURA EM ÁFRICA: OBRAS PÚBLICAS NO CREPÚSCULO DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA

Ana Vaz Milheiro

A fase final da colonização portuguesa em África acelera os processos de ocupação dos territórios coloniais. O Estado Novo é, então, responsável por um conjunto de projetos urbanos e de equipamentos públicos que transformam a maioria das cidades ultramarinas, repercutindo-se na contemporaneidade. Os contributos para esta alteração da paisagem construída vêm dos organismos sediados em Lisboa, sob tutela do Ministério do Ultramar (caso muito particular do Gabinete de Urbanização Colonial criado por Marcello Caetano em 1944, que conhece diferentes desdobramentos até à revolução de 1974), das Repartições de Obras Públicas locais (onde se assiste progressivamente à instalação de técnicos especializados) e também de particulares que investem na então África Portuguesa através da construção de equipamentos (designadamente de lazer e serviços), contratando profissionais metropolitanos ou já fixados em África.

Propõe-se, aqui, mapear algumas das obras construídas a partir do final da Segunda Guerra Mundial e até às independências dos países africanos que têm como uma das suas línguas oficiais o Português. O itinerário seguido identifica uma arquitetura luso-africana, essencialmente de expressão de representação oficial, pretendendo-se simultaneamente avançar com uma caracterização da cidade africana no crepúsculo da colonização portuguesa.

CITY AND ARCHITECTURE IN AFRICA: PUBLIC WORKS DURING THE TWILIGHT OF PORTUGUESE COLONISATION

Ana Vaz Milheiro

The final stage of Portuguese colonisation in Africa saw an acceleration of the colonial territory occupied. The Estado Novo regime was responsible for a number of urban projects and public facilities that transformed the majority of overseas cities, something that can still be seen to-day. The changes in the urban landscape originated from bodies based in Lisbon and overseen by Ministry of the Overseas (specifically the Office of Colonial Urban Planning set up by Marcello Caetano in 1944, which underwent various restructures and name changes until the revolution of 1974), from the local public works departments (where an increasing number of specialist professionals began working) and private individuals who invested in what was then *Portuguese* Africa, via the construction of facilities (particularly leisure and services) using professionals from the capital or those already settled in Africa.

Here, our aim is to map some of the works built from the end of World War II until the independence of the African countries which count Portuguese as one of their official languages. The itinerary used identifies a *Portuguese-African* architecture, which is essentially state-based, while simultaneously offering a description of African cities during *the twilight of Portuguese colonisation*.

ARQUITETURA PORTUGUESA EM FIM-DE-SÉCULO: ENTRE O PÓS-IDEOLÓGICO E O PÓS-MODERNO

Nuno Grande

Nas últimas décadas do século XX, a cultura e a prática arquitetónicas, em Portugal, irão tornar-se progressivamente menos politizadas, tendencialmente mais individualistas e, sobretudo, mais centradas no debate estilístico em torno do pós-modernismo do que no compromisso ético moderno que presidira às políticas

RESUMOS ABSTRACTS

sociais lançadas no período revolucio-nário, entre 1974 e 1976. Essa evolução percorre três fases: os anos pós-1974, nos quais a sociedade portuguesa vive em “curto-circuito” entre uma modernização institucional tardia e a necessidade de uma aculturação pós-moderna; os anos pós-1986, nos quais a adesão à Comunidade Económica Europeia (CEE) instaura uma política desenvolvimentista, neoliberal e pró-europeísta, que altera e diversifica o tipo de encomenda e de resposta por parte dos arquitetos de todas as gerações; e os anos pós-1992, nos quais a progressiva Globalização política e cultural, na Europa, induz Portugal a integrar o ciclo competitivo dos grandes eventos urbanos, acentuando a dispersão programática e concetual nas diferentes práticas arquitetónicas. A Arquitetura Portuguesa desse *fim-de-século* viverá, assim, numa condição, simultaneamente, “pós-ideológica” e “pós-moderna”.

END-OF-THE CENTURY PORTUGUESE ARCHITECTURE: BETWEEN THE POST-IDEOLOGICAL AND POST-MODERN

Nuno Grande

In the final decades of the 20th century, architectural culture and practice in Portugal would become progressively less politicised, more individualistic and much more focused on the stylistic debate regarding post-modernism than on the modern ethical commitment that guided the social policies of the revolutionary period between 1974 and 1976. This process involved three stages: the post-1974 years, during which Portuguese society experienced a “short-circuit” between belated institutional modernisation and the need for a post-modern acculturation; the post-1986 years, in which the coun-try’s adherence to the European Economic Community (EEC) led to a developmental, neo-liberal and pro-European approach that changed and diversified the types of commissions and resulting responses from architects of all generations; and the post-1992 years, where increasing political and cultural Globalisation in Europe induced Portugal to become involved in the competitive cycle of major urban events, thus accentuating the

RESUMOS ABSTRACTS

programmatic and conceptual dispersion of various architectural practices. During this *end-of-the-century* period, Portuguese architecture was both “post-ideological” and “post-modern” at the same time.

OS IMPASSES DO DENTRO E DO FORA: A INTERNACIONALIZAÇÃO DA ARQUITETURA PORTUGUESA NO NOVO MILÉNIO

Luis Santiago Baptista

A internacionalização da arquitetura portuguesa está na ordem do dia. A atribuição, nas últimas duas décadas, de importantes distinções internacionais a Álvaro Siza e, mais recentemente, a Eduardo Souto de Moura tem suscitado uma curiosidade e um interesse crescentes pela arquitetura portuguesa contemporânea, tornando premente a aposta institucional na sua divulgação e promoção internacional. No entanto, estas estratégias de internacionalização têm manifestado tensões estruturais, tanto ao nível disciplinar como profissional. Entre uma vontade de promoção da excelência de obras de arquitetos consagrados e a necessidade de debate crítico da condição da arquitetura portuguesa, as crescentes embaixadas da arquitetura portuguesa contemporânea têm proporcionado uma significativa interação e intercâmbio entre as realidades físicas e simbólicas do *dentro* e do *fora*.

Propõe-se com este artigo fazer uma leitura crítica panorâmica da internacionalização da arquitetura portuguesa a partir do ponto de charneira da Porto 2001. Analiso, primeiro, as estratégias *de dentro para dentro*, embora em contexto internacional, com as exposições constitutivas da arquitetura portuguesa contemporânea. De seguida, centro-me nas propostas *de dentro para fora*, com as diversas representações nacionais nos grandes eventos disciplinares internacionais, com promoção institucional dos organismos culturais e profissionais. Depois, foco-me nas repercussões *de fora para dentro*, com a imagem refletida da arquitetura portuguesa contemporânea em publicações internacionais de referência. Por fim, concluo com a realidade *de fora para fora*, evidenciando outras práticas de afirmação internacional que interrogam as bases da política de inter-

nacionalização da arquitetura portuguesa na contemporaneidade.

THE IMPASSES OF INSIDE AND OUT-SIDE: THE INTERNATIONALISATION OF PORTUGUESE ARCHITECTURE IN THE NEW MILLENIUM

Luis Santiago Baptista

The internationalisation of Portuguese architecture has attracted much attention in recent times. In the last two decades, Álvaro Siza and, more recently, Eduardo Souto de Moura have won important international awards, arousing a certain curiosity and growing interest in contemporary Portuguese architecture that makes institutional investment in international promotion and dissemination a priority. However, these internationalisation strategies have demonstrated structural tensions, both in terms of the discipline itself and within the profession. Caught between the desire to promote the excellence of established architects and the need for a critical debate about the state of Portuguese architecture, the growing number of ambassadors of contemporary Portuguese architecture has provided considerable interaction and exchange between the physical and symbolic realities of *home* and *abroad*.

This article aims to provide a comprehensive critical analysis of the internationalisation of Portuguese architecture from the turning point of Porto 2001. First, I analyse the *home-to-home* strategies, albeit within an international context, with examples of contemporary Portuguese architecture. Next, I focus on the *home-to-abroad* aspects, focussing on different Portuguese participation at major international events on architecture and the international promotion of cultural and professional bodies. Then, I concentrate on *abroad-to-home* repercussions, looking at how contemporary Portuguese architecture is reflected in respected international publications. Finally, I end with the *abroad-to-abroad* situation, illustrating other international assertion strategies that challenge the fundamentals of the internationalisation policy of Portuguese architecture nowadays.

RESUMOS ABSTRACTS

OS IMPASSES DO DENTRO E DO FORA: A INTERNACIONALIZAÇÃO DA ARQUITETURA PORTUGUESA NO NOVO MILÉNIO

Luis Santiago Baptista

A internacionalização da arquitetura portuguesa está na ordem do dia. A atribuição, nas últimas duas décadas, de importantes distinções internacionais a Álvaro Siza e, mais recentemente, a Eduardo Souto de Moura tem suscitado uma curiosidade e um interesse crescentes pela arquitetura portuguesa contemporânea, tornando premente a aposta institucional na sua divulgação e promoção internacional. No entanto, estas estratégias de internacionalização têm manifestado tensões estruturais, tanto ao nível disciplinar como profissional. Entre uma vontade de promoção da excelência de obras de arquitetos consagrados e a necessidade de debate crítico da condição da arquitetura portuguesa, as crescentes embaixadas da arquitetura portuguesa contemporânea têm proporcionado uma significativa interação e intercâmbio entre as realidades físicas e simbólicas do *dentro* e do *fora*.

Propõe-se com este artigo fazer uma leitura crítica panorâmica da internacionalização da arquitetura portuguesa a partir do ponto de charneira da Porto 2001. Analiso, primeiro, as estratégias *de dentro para dentro*, embora em contexto internacional, com as exposições constitutivas da arquitetura portuguesa contemporânea. De seguida, centro-me nas propostas *de dentro para fora*, com as diversas representações nacionais nos grandes eventos disciplinares internacionais, com promoção institucional dos organismos culturais e profissionais. Depois, foco-me nas repercussões *de fora para dentro*, com a imagem refletida da arquitetura portuguesa contemporânea em publicações internacionais de referência. Por fim, concluo com a realidade *de fora para fora*, evidenciando outras práticas de afirmação internacional que interrogam as bases da política de inter-

RESUMOS ABSTRACTS

OS IMPASSES DO DENTRO E DO FORA: A INTERNACIONALIZAÇÃO DA ARQUITETURA PORTUGUESA NO NOVO MILÉNIO

Luis Santiago Baptista

The internationalisation of Portuguese architecture has attracted much attention in recent times. In the last two decades, Álvaro Siza and, more recently, Eduardo Souto de Moura have won important international awards, arousing a certain curiosity and growing interest in contemporary Portuguese architecture that makes institutional investment in international promotion and dissemination a priority. However, these internationalisation strategies have demonstrated structural tensions, both in terms of the discipline itself and within the profession. Caught between the desire to promote the excellence of established architects and the need for a critical debate about the state of Portuguese architecture, the growing number of ambassadors of contemporary Portuguese architecture has provided considerable interaction and exchange between the physical and symbolic realities of *home* and *abroad*.

This article aims to provide a comprehensive critical analysis of the internationalisation of Portuguese architecture from the turning point of Porto 2001. First, I analyse the *home-to-home* strategies, albeit within an international context, with examples of contemporary Portuguese architecture. Next, I focus on the *home-to-abroad* aspects, focussing on different Portuguese participation at major international events on architecture and the international promotion of cultural and professional bodies. Then, I concentrate on *abroad-to-home* repercussions, looking at how contemporary Portuguese architecture is reflected in respected international publications. Finally, I end with the *abroad-to-abroad* situation, illustrating other international assertion strategies that challenge the fundamentals of the internationalisation policy of Portuguese architecture nowadays.

OS IMPASSES DO DENTRO E DO FORA: A INTERNACIONALIZAÇÃO DA ARQUITETURA PORTUGUESA NO NOVO MILÉNIO

Luis Santiago Baptista

RESUMOS ABSTRACTS

OS IMPASSES DO DENTRO E DO FORA: A INTERNACIONALIZAÇÃO DA ARQUITETURA PORTUGUESA NO NOVO MILÉNIO

Luis Santiago Baptista

área disciplinar da cultura arquitetónica. O seu tema de pesquisa é a história crítica da arquitetura e da cidade contemporâneas, desenvolvendo uma visão operativa apostada no re-uso da arquitetura do movimento moderno, com um enfoque dirigido para a produção do pós-Segunda Guerra e para as relações entre as modernidades europeia, americana e africana. Neste tópico/âmbito, realizou conferências e foi comissária científica de exposições em Portugal e no estrangeiro, publicou livros e artigos científicos. É autora e/ou editora de: *The Buildings. Calouste Gulbenkian Foundation* (2012); *Pardal Monteiro, uma Fotobiografia* (2009); *Arquitetura Portuguesa Contemporânea* (2008); *Lisboa 1758: The Baixa Plan Today* (2008); *Gulbenkian Headquarters and Museum, The Architecture of the 60s* (2006); *Arquitetura e Cidadania. Atelier Nuno Teotónio Pereira* (2004); *Biblioteca Nacional. Exterior/Interior* (2004); *Portugal: Architektur im 20. Jahrhundert* (1998); *Keil do Amaral, o Arquitecto e o Humanista* (CML, 1999); *Arquitetura Moderna Portuguesa 1920-1970* (2003). Tem realizado conferências e participado em júris em universidades europeias, americanas e africanas. Tem integrado comités científicos e júris de vários prémios. É editora do *Docomomo Journal*. Foi vice-presidente da Ordem dos Arquitetos e da AICA (Secção Portuguesa). Em 2006, foi agraciada pelo Presidente da República com o grau de comendador da Ordem do Infante D. Henrique pelo seu trabalho de investigação e divulgação da arquitetura.

Ana Tostões (Lisboa, 1959) Vive e trabalha em Lisboa e Barcelona, onde é presidente do Docomomo Internacional. É arquiteta pela Escola de Belas-Artes de Lisboa (1982), mestre em História da Arte Contemporânea pela Universidade Nova de Lisboa, com uma tese intitulada *Os Verdes Anos na Arquitetura Portuguesa dos Anos 50* (FAUP Edições, 1997) e doutorada pelo Instituto Superior Técnico, com uma tese sobre *Cultura e Tecnologia na Arquitetura Moderna Portuguesa* (FAUP Edições, 2013). É professora associada com agregação no IST-UL, onde é coordenadora do Doutoramento em Arquitetura e responsável pela

Ana Vaz Milheiro (Lisboa, 1968) Licenciada (1991) e mestre (1998) em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa. Doutoramento pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (2004). Autora dos livros *A Construção do Brasil – Relações com a Cultura Arquitectónica Portuguesa* (Porto: FAUP Publicações, 2005), *A Minha Casa é um Avião* (Lisboa: Relógio D’Água, 2007), *Nos Trópicos sem Le Corbusier, Arquitectura Luso-Africana no Estado Novo* (Lisboa: Relógio D’Água, 2012) e *Guiné-Bissau, 2011* (Porto: Circo de Ideias – Associação

RESUMOS ABSTRACTS

OS IMPASSES DO DENTRO E DO FORA: A INTERNACIONALIZAÇÃO DA ARQUITETURA PORTUGUESA NO NOVO MILÉNIO

Luis Santiago Baptista

área disciplinar da cultura arquitetónica. O seu tema de pesquisa é a história crítica da arquitetura e da cidade contemporâneas, desenvolvendo uma visão operativa apostada no re-uso da arquitetura do movimento moderno, com um enfoque dirigido para a produção do pós-Segunda Guerra e para as relações entre as modernidades europeia, americana e africana. Neste tópico/âmbito, realizou conferências e foi comissária científica de exposições em Portugal e no estrangeiro, publicou livros e artigos científicos. É autora e/ou editora de: *The Buildings. Calouste Gulbenkian Foundation* (2012); *Pardal Monteiro, uma Fotobiografia* (2009); *Arquitetura Portuguesa Contemporânea* (2008); *Lisboa 1758: The Baixa Plan Today* (2008); *Gulbenkian Headquarters and Museum, The Architecture of the 60s* (2006); *Arquitetura e Cidadania. Atelier Nuno Teotónio Pereira* (2004); *Biblioteca Nacional. Exterior/Interior* (2004); *Portugal: Architektur im 20. Jahrhundert* (1998); *Keil do Amaral, o Arquitecto e o Humanista* (CML, 1999); *Arquitetura Moderna Portuguesa 1920-1970* (2003). Tem realizado conferências e participado em júris em universidades europeias, americanas e africanas. Tem integrado comités científicos e júris de vários prémios. É editora do *Docomomo Journal*. Foi vice-presidente da Ordem dos Arquitetos e da AICA (Secção Portuguesa). Em 2006, foi agraciada pelo Presidente da República com o grau de comendador da Ordem do Infante D. Henrique pelo seu trabalho de investigação e divulgação da arquitetura.

Cultural, DG-Artes, 2012). Crítica de arquitetura no jornal *Público* desde 1995. Diretora-adjunta do *JA-Jornal Arquitectos*, Ordem dos Arquitetos (2000-2004 e 2009-2012). Docente no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa e investigadora do DINÂMIA-CET. Investigadora responsável dos projetos de investigação apoiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia: *Os Gabinetes Coloniais de Urbanização: Cultura e Prática Arquitectónica* (2010-2013, ref. PTDC/AUR-AQI/104964/2008) e *Habitação para o Maior Número: Lisboa, Luanda, Macau* (2013-2015, ref. PTDC/ATP-AQI/3707/2012).

Arquitectos Anónimos® É uma marca portuguesa sediada no Porto e fundada em 2006. Sugere um “de-sign” como forma de expansão, na consciência de que ninguém consegue inovar sozinho e, muito menos, reter definitivamente as suas ideias, investe numa flexibilidade funcional que encoraja a potencial atração pelos *tastemakers* e posicionamento funcional numa “economia de mercado”, contrabalançado no regime de atenção pelas expectativas do indivíduo. Arquitectos Anónimos tenta organizar um espaço aberto ao estímulo e ao trabalho como uma espécie de suplantação individual, libertando os seus coautores da sua identidade, e encontrar e fundar uma nova forma coletiva de atuar – diariamente. Inicialmente como uma reação no contexto contemporâneo ao peso exagerado de autoria e culto da “individualidade” na arquitetura, tem vindo a tornar-se mais uma antítese ao pseudónimo, usando esse nome fictício como forma de exprimir que ninguém é dono das suas ideias exclusivamente. Arquitectos Anónimos tem como alvo potenciar o resultado da imagem de quem utiliza a arquitetura, reforçando a identidade de quem recorre aos seus serviços junto dos *targets* apontados, quer na sua proximidade, quer para uma conquista de públicos mais vastos. A rede de Arquitectos Anónimos investe na formação de equipas de resposta a cada trabalho com base em critérios que assentam na qualificação académica, dimensão

RESUMOS ABSTRACTS

estrutural dos parceiros, experiência e currículo, apetência e/ou especialização pela resposta aos problemas apresentados.

Eduardo Souto de Moura (Porto, 1952) Licenciado em Arquitetura pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto (1980), foi assistente da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto entre 1981 e 1991. Foi professor visitante em Paris-Belleville, Harvard, Dublin, ETH Zurique e Lausanne.

Colaborou com o arquiteto Álvaro Siza de 1974 a 1979. Um ano mais tarde, fundou um ateliê e, desde então, projetou mais de 60 edifícios em Portugal, Espanha, Itália, Reino Unido e Suíça. Entre as obras mais conhecidas, destacam-se a Casa das Artes, no Porto, o Estádio Municipal de Braga, a Casa das Histórias Paula Rego, em Cascais, entre muitas outras. É membro honorário do AIA/American Institute of Architects, membro internacional do RIBA/Royal Institute of British Architects, membro da AdK/Akademie der Künste de Berlim, membro da American Academy of Arts and Sciences e membro honorário da Academia dos Arquitetos do Canadá. Participou em inúmeros seminários e conferências em Portugal e no estrangeiro. A sua obra tem sido apresentada em várias publicações e exposições. Recebeu vários prémios nacionais e internacionais, entre os quais se destacam, mais recentemente, o Prémio Pritzker (2011) e o Prémio Wolf (2013).

EMBAIXADA ARCHITECTURA Foi fundada em 2002 por sete licenciados em Arquitetura e, atualmente, é dirigida por três dos seus sócios fundadores, contando ainda com a colaboração regular de vários especialistas nas mais diversas áreas de atuação, de modo a ampliar a sua capacidade de resposta. A equipa apresenta uma estrutura de hierarquia dinâmica e diversificada, suscitando espaço para a discussão, originando um forte potencial criativo e uma ampla capacidade de adaptação aos mais diversos tipos de trabalho.

Foi criada com o objetivo de produzir trabalhos capazes de responder de forma inédita aos requisitos impostos pela vivência contemporânea. Enquanto

NOTAS BIOGRÁFICAS

espaço de produção de arquitetura, recusa qualquer tipo de especialização, procurando constantemente novos e dife-rentes desafios. A sua produção abrange áreas como o Urbanismo, a Arquitetura, a Arte, os novos *Media* e o *Design*. É influenciada por outras entidades de produção cultural, mas procura nunca se deixar limitar e ambiciona desenvolver processos capazes de se afastarem do modo de fazer generalista. O maior obje-tivo é, naturalmente, evitar as soluções de rotina que imperam no mercado. Cada trabalho é sempre desenvolvido como um protótipo, atendendo às condições programáticas de cada projeto e à identidade de cada cliente. Indissociável de todo o propósito criativo da empresa está, obviamente, o nome escolhido para a representar (EMBAIXADA), expressão e representação de um coletivo de pessoas e de ideias na procura da excelência.

Helena Barranha (**Évora, 1971**)

Licenciada em Arquitetura (Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, 1995), tem Mestrado Europeu em Gestão do Património Cultural (Universidade do Algarve, em cooperação com a Université de Paris-8, 2001) e Doutoramento em Arquitetura (Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2008).

É professora auxiliar na Secção de Arquitetura do Instituto Superior Técnico (IST) e investigadora do Instituto de Engenharia de Estruturas, Território e Construção (ICIST-IST desde 2003. Colabora também, desde 2007, com a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no âmbito do Mestrado em Museologia, onde é responsável pela disciplina de Arquitetura de Museus e Museografia. Foi docente do Departamento de História, Arqueologia e Património da FCHS – Universidade do Algarve, de 1999 a 2003, e diretora do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, entre 2009 e 2012.

A sua atividade profissional e de investigação centra-se no património arquitetónico, na arte contemporânea e na arquitetura de museus, temas sobre os quais tem publicado vários

artigos e ensaios, em edições nacionais e internacionais.

Jean-Michel Wilmotte (**Soissons/Picardie, 1948**)
Arquitecto, urbanista e *designer*, abriu a sua agência em 1975. O seu trabalho reflete uma procura incessante pela qualidade; a partir de uma paleta única de luzes e de profundidade, ele faz gerar formas e modelos que são produtos da sua visão. A sua busca da excelência é guiada por um sentido claro de elegância, proporção, conforto e requinte. Estas qualidades são também visíveis nas suas obras de arquitetura, urbanismo, *design* de produtos e de interiores. Os seus projetos contemplam desde torres a casas particulares, de circuitos de corri-da a centros comerciais, de alojamentos a bairros e de hotéis a museus. A excelência do *design*, a par de uma abordagem sensível aos aspectos ambientais, culturais e sociais, melhora a qualidade das nossas vidas quotidianas.

Jorge Figueira (**Vila Real, 1965**)

Licenciado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (1992) e doutorado em Arquitetura pela Universidade de Coimbra (2009). Diretor e professor auxiliar do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Professor convidado no Programa de Doutoramento em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Integra o Conselho Científico do Colégio das Artes, Universidade de Coimbra. Investigador do Centro de Estudos Sociais, Laboratório Associado. Coordenador, pela Universidade de Coimbra, da Red PHI Património Ibero-Americano. Comissário da exposição “Álvaro Siza. Modern Redux” no Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2008. Integrou a representação nacional portu-guesa na 8.ª Bienal de Arquitetura de São Paulo, 2009, no projeto “Cinco Áfricas. Cinco Escolas”. Publicou vários livros, entre os quais *Álvaro Siza. Modern Redux*, Berlim: Hatje Cantz, 2008 (editor); *O Arquitecto Azul*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010; *Maccau 2011*, Circo de Ideias, 2011; *Reescrever o Pós-Moderno*,

Dafne, 2011. É colaborador do jornal *Público* na área de crítica de arquitetura e tem artigos publicados em diversos países em revistas especializadas. Tem obra de arquitetura construída e publicada, onde se destaca o *Campus Universitário de Angra do Heroísmo*, Terceira, Açores.

José Mateus (**Castelo Branco, 1963**)
Licenciou-se em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa (FAUTL), em 1986. Fundou, com Nuno Mateus, a ARX Portugal em 1991. É presidente do Conse-lho Diretivo da Trienal de Arquitetura de Lisboa e foi diretor executivo da Trienal 2007 e da Trienal 2010.

Foi presidente da Assembleia Regional Sul da Ordem dos Arquitetos (2008-2010) e vice-presidente da Direção da mesma Secção Regional (2005-2007). Atual-mente, é professor associado convidado de Projeto II de Arquitetura no Instituto Superior Técnico de Lisboa, tendo sido também docente na Escola Superior de Artes Decorativas de Lisboa (ESAD), no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), e professor convida-do na Escola Superior de Arquitetura da Universidade Internacional da Catalunha (UIC-ESARQ), em Barcelona. Em 1993, o trabalho da ARX foi objeto da exposição “Realidade Real” no CCB e integrou inúmeras outras exposições em Portugal e no estrangeiro. Os projetos da ARX foram objeto de inúmeros prémios, menções e nomeações.

Luis Santiago Baptista (**Lisboa, 1970**)
É arquiteto e desenvolve uma atividade multifacetada, compreendendo a prática profissional, a docência universitária, a crítica de arquitetura, o comissariado de exposições e a edição de publicações. É mestre em Cultura Arquitetónica Contemporânea (FA-UTL) e doutorando em Cultura Arquitetónica e Urbana (DARQ-UC). Foi assistente convidado na FA-UTL e é, atualmente, professor auxiliar convidado na ECATI-ULHT e investigador do LabART. É diretor da revista de arqui-tetura e arte *arqa*. Participa regularmente em publicações nacionais e internacionais

e tem feito conferências em diversas instituições. Integrou o comissariado da *Habitar Portugal 2006-2008* (Ordem dos Arquitetos), foi cocomissário de “*Falemos de Casas*”... *em Portugal* (Trienal de Arquitetura de Lisboa 2010), foi consultor da *Devir Menor: Arquiteturas e Práticas Espaciais Críticas na Ibero-América* (Gui-marães 2012), é curador do ciclo *Geração Z: Práticas Arquitetónicas Portuguesas Emergentes* e de *ARX Arquivo* (Centro Cultural de Belém). É autor do projeto *Modern Masterpieces Revisited*. Desenvolve uma atividade profissional de carácter laboratorial com projetos de arquitetura construídos e em desenvolvimento.

Manuel Graça Dias (**Lisboa, 1953**)
Formou-se na ESBAL, em 1977. Professor auxiliar da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, onde concluiu Doutoramento em 2009, e professor convida-do do Departamento de Arquitetura da Universidade Autónoma de Lisboa. Vive e trabalha em Lisboa, onde criou, em 1990, o *ateliê* CONTEMPORÂNEA, com Egas José Vieira. Foi diretor do *Jornal Arquitectos* (2000-04 e 2009-12) e presidente da Secção Por-tuguesa da AICA (2008-12), sendo autor de inúmeros artigos e de vários livros de divulgação de temas de arquitetura. Em 1999, ganhou, com Egas José Vieira, o Prémio AICA/MC (Arquitetura).

Nuno Grande (**Luanda, 1966**)
Arquiteto, doutorado pelo Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, onde leciona desde 1993. Docente, por extensão de serviço, na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, onde se licenciou em 1992. É investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, no Núcleo “Cidades, Cultura e Arquitetura”. Exerceu, na última década, as atividades de programador cultural (Porto 2001, Capital Europeia da Cultura), de curador (Trienal de Arquitetura de Lisboa, 2007; Bienal de São Paulo, 2007; Guimarães 2012, Capital Europeia da Cultura) e de crítico de arquitetura, sendo membro por-tuguês da AICA (*Association Internationale*

des Critiques d’Art), com textos publicados em edições nacionais e estrangeiras (em Espanha, França, Croácia, Holanda, Suíça e Japão). O seu trabalho crítico e curatorial abrange a relação entre Cultura, Cidade e Arquitetura, com especial incidência no impacto urbano dos grandes equipamentos e dos grandes eventos culturais em Portugal.

Paulo Martins Barata (**Lisboa, 1965**)
Licenciado em Arquitetura pela FAUTL (1988), mestre em Gestão de Empresas pela Universidade de Edimburgo (1991) e doutorado em Arquitetura pela ETH de Zurique (2000). Trabalhou em diversos ateliês na Finlândia, nos EUA e em Portugal. *Fulbright Visiting Scholar* da Universidade de Columbia, Nova Iorque, em 1997.

Autor de *Álvaro Siza 1954-1976* (Lisboa, 1998) e *Museu de Serralves* (Lisboa, 2001). Entre outros, publicou ensaios sobre teoria e crítica de arte e arquitetura no jornais *Expresso* e *JA*, e nas revistas *Architecture Research Quarterly* (Cambridge University Press), *Arquitectura Viva* (Madrid), *A+T* (Vitoria Gasteiz), *Egoísta* (Lisboa), *Lotus* (Milão), *Prototipo* (Lisboa), *Techniques & Architecture* (Paris) e *Daidalos* (Berlim); nesta última, foi membro do conselho editorial.

Foi *Cass Gilbert Visiting Faculty* da Universidade de Minnesota e *Visiting Critic* da Universidade do Texas em Austin, ambas nos EUA, e cocomissário científico dos seminários PROTOTYPO, realizados sob os auspícios da Porto 2001, e MINA DURA, para a Ordem dos Arquitetos. Presidente do Júri do Prémio SECIL Universidades em 2005. Em 2005, foi membro do júri do Prémio Nacional de Arquitetura da Bulgária (VIZAR). Desde 2003, é membro do Parlamento Cultural Europeu (Graz, 2003). Atualmente, vive entre Doha e Lisboa. Com João Luís Ferreira, Paulo Perloiro, Pedro Appleton e João Perloiro, é sócio fundador do PROMONTÓRIO, em Lisboa, um ateliê com cerca de 50 colaboradores, com obras e projetos na Alemanha, Argélia, Angola, Brasil, Bulgária, Cabo Verde, Dubai, Egito, Hungria, Itália, Geórgia, Moçambique,

Portugal, Qatar, Roménia, Sérvia, Síria, Espanha, Suíça, Turquia e Vietname, tendo estabelecido parcerias em muitos destes países. A obra do PROMONTÓRIO tem sido divulgada, entre outras, em publicações como *Area*, *Architectural Review*, *Architecti*, *Arquitectura Viva*, *ARQ/A*, *A+T*, *RIBA*, *Detail*, *2G*, *Expresso*, *Independente*, *Prototipo*, *Público*, *JA*, *Lotus International*, *Techniques & Architecture* e *Universale di Architettura*. O PROMONTÓRIO recebeu diversos prémios, e o seu trabalho tem sido apresentado em conferências e exposições em Portugal, Finlândia, Brasil, Áustria, Itália, Holanda, Reino Unido, Equador e Estados Unidos. Foi também apresentado no âmbito da representação portuguesa da 9.ª Bienal de Arquitetura de Veneza e na Trienal de Milão.

Paulo Mendes da Rocha (**Vitória/Brasil, 1928**)
Formou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, em São Paulo, em 1954. Convidado por Vilanova Artigas, passou a lecionar na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo a partir de 1959, tendo-se tornado professor titular nessa escola, em 1998, e recebido o título de professor emérito, em 2010. Com vários projetos vencedores em concursos públicos, ganhou, em 1957, o da construção do Ginásio do Clube Atlético Paulistano, que também recebeu o Grande Prémio Presidência da República na VI Bienal de São Paulo. É autor, entre outros, do projeto do Pavilhão Oficial do Brasil na Expo’70, em Osaka, no Japão; esteve entre os finalistas premiados no concurso para o anteprojecto do Centro Cultural Georges Pompidou, em Paris (1971); projetou o Museu Brasileiro da Escultura-MUBE, em São Paulo (1987), obra que lhe valeu a indicação para o I Prémio Mies van der Rohe de Arquitetura Latino-americana, promovido pela Fundação Mies van der Rohe (1999); projetou a reforma da Pinacoteca do Estado de São Paulo, que lhe valeu o Prémio Mies van der Rohe de Arquitetura Latino-Americana, em Barcelona (2000). Em 2006, recebeu o *Pritzker Architectural Prize* pelo conjunto da sua obra. A sua obra foi objeto de várias publicações

internacionais. Entre os seus projetos atualmente em desenvolvimento, destacam-se a construção, em Portugal, do Museu dos Coches, em Lisboa, o Cais das Artes em Vitória, no estado de Espírito Santo, o conjunto dos Museus de Zoologia, Arqueologia e de Ciências da Universidade de São Paulo e o Instituto Tecnológico Vale para o Desenvolvimento Sustentável – ITV-DS, em Belém do Pará.

Pedro Machado Costa (**Lourenço Marques, 1972**)
Licenciado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, em 1996, e mestre pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, em 2004. Frequenta o Programa de Doutoramento em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa. A sua formação académica passou ainda pela Bounkunde Technische Universiteit Delft e pela École d’Architecture Paris--Conflans.

Desde 1997, é coordenador do *a.s** – *atelier de santos*, onde desenvolve trabalho na área da arquitetura. A sua obra tem sido divulgada em inúmeras conferências e publicações no âmbito da arquitetura, em países como Japão, Coreia do Sul, Estados Unidos, Itália, Espanha, Reino Unido, Alemanha, Argentina, Chile e França, entre outros. Participou, como autor, em várias exposições internacionais de arquitetura, destacando-se a Bienal de Arquitetura de Veneza e a Bienal Ibero-Americana de Arquitetura e Urbanismo. A sua obra foi reconhecida por vários prémios, incluindo as nomeações para o Prémio Mies van der Rohe e para o Prémio Secil. Foi finalista dos Prémios FAD e venceu o Premi Architectura dels Socis d’Arquinfad, em 2007. Desenvolve trabalho na área da divulgação e da curadoria de arquitetura, colabora regularmente em revistas e livros de arquitetura e de cultura urbana, e é autor do blogue de arquitetura *Quando as Catedrais Eram Brancas*. Desempenhou o cargo de diretor do PARQ – Departamento de Arquitetura e Paisagem da Escola Universitária Vasco da Gama (Coimbra, 2010-2012). É professor convidado na ESAyT – Escue-

la Superior de Arquitectura y Tecnologías (Madrid) desde 2010.

Vittorio Gregotti (**Novara/Itália, 1927**)
Licenciado, em 1952, em Arquitetura pelo Politécnico de Milão. Entre 1953 e 1968, colaborou com L. Meneghetti e G. Stoppino. Em 1974, fundou o ateliê *Gregotti Associati*. Foi professor de Composição Arquitetónica na Universidade de Veneza (IUAV) e ensinou na Faculdade de Arquitetura de Milão. Foi ainda professor visitante nas Universidades de Tóquio, Buenos Aires, São Paulo, Lausanne, Harvard, Filadélfia, Princeton, Cambridge (Reino Unido) e MIT em Cambridge (EUA).

Foi responsável pela secção introdutória da 13.ª Trienal (Milão, 1964), que obteve o Grande Prémio Internacional, e, entre 1974 e 1976, foi diretor da Secção de Artes Visuais e Arquitetura da Bienal de Veneza.

Dirigiu a revista *Casabella* de 1982 a 1996. Colaborou regularmente para o diário italiano *Corriere della Sera* entre 1992 e 1997, altura em que passou a colaborar com o jornal *La Repubblica*. É autor de numerosos livros, entre os quais merecem particular relevo: *Il Territorio dell’Architettura* (Milão: Feltrinelli, 1966), *New Directions in Italian Architecture* (Nova Iorque: Braziller, 1968), *Questioni di Architettura* (Turim: Einaudi, 1986), *Le Scarpe di Van Gogh. Modificazioni dell’Architettura* (Turim: Einaudi, 1994), *Inside Architecture* (Cambridge-Mass.: MIT Press, 1996), *Identità e Crisi dell’Architettura Europea* (Turim: Einaudi, 1999), *Sulle Orme di Palladio* (Roma-Bari: Laterza, 2000), *Diciassette Lettere sull’Architettura* (Roma-Bari: Laterza, 2000), *Architettura, Tecnica, Finalità* (Roma-Bari: Laterza, 2002), *L’Architettura del Realismo Critico* (Roma-Bari: Laterza, 2004), *Contro la Fine dell’Architettura* (Turim: Einaudi, 2008), *L’Ultimo Hutong* (Milão: Skira, 2009), *Tre Forme di Architettura Mancata* (Turim: Einaudi, 2010), *Cézanne e l’Architettura* (Milão: Skira, 2011), *Architettura e Postmetropoli* (Turim: Einaudi, 2011), *Sinceretze e Simulazioni* (Milão: Skira, 2011) e *Il Sublime al Tempo del Contemporaneo* (Turim: Einaudi, 2013).

CAMÕES

REVISTA DE LETRAS
E CULTURAS LUSÓFONAS

DIRETORA

Ana Paula Laborinho

EDITORA

Alexandra Pinho

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Eunice Santos

CONSELHO EDITORIAL

Helena Barranha

Jorge Figueira

Manuel Graça Dias

TEXTOS

Álvaro Siza

Ana Tostões

Ana Vaz Milheiro

Arquitectos Anónimos

Eduardo Souto de Moura

EMBAIXADA ARQUITECTURA

Helena Barranha

Jean-Michel Wilmotte

João Belo Rodeia

Jorge Figueira

José Mateus

Luís Santiago Baptista

Manuel Graça Dias

Nuno Grande

Paulo Martins Barata

Paulo Mendes da Rocha

Pedro Machado Costa

Vittorio Gregotti

DESIGN GRÁFICO

vivóeusébio

REVISÃO

António Massano

TRADUÇÃO

Alliance Française Lisbonne (texto de
Jean-Michel Wilmotte)

Elisabetta Maino (texto de Vittorio
Gregotti)

nota bene

PRÉ-IMPRESSÃO

Gráfica Maiadouro, S.A.

IMPRESSÃO

Gráfica Maiadouro, S.A.

TIRAGEM

1000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL: 124734/99

ISSN: 0874-3029

AGRADECIMENTOS

Adriana Freire

Allie Biswas

Álvaro Siza

Ana Paula Gordo

André Cepeda

Antonella Bergamin

Borina Andrieu

Chloé Siganos

Cristina Menezes

Edgar Martins

Eduardo Souto de Moura

Elsa Oliveira

Fátima Fernandes

Fernanda Fragateiro

Inês Moreira

Jean-Michel Wilmotte

Jessica Gonczaruk

José Luís Saldanha

José Maçãs de Carvalho

Luís Ferreira Alves

Manuel Henriques

Manuela Portugal

Neuza Polido

Nicola Hoeschle

Paulo Mendes da Rocha

Ricardo Bak Gordon

Rodrigo Oliveira

Vittorio Gregotti

Instituições

Architekturforum AEDES

Arquivo Histórico Ultramarino

Ordem dos Arquitectos

RIBA

Trienal de Arquitetura de Lisboa

© Camões – Instituto da Cooperação e
da Língua, I.P.

Direção de Serviços de Língua e Cultura

Divisão de Ação Cultural Externa

Imagem da capa

André Cepeda

Sem título, Lisboa, 2010

Impressão a jacto de tinta em

papel fine art

92x115 cm

edição de 3+1

Cortesia Galeria Pedro Cera